

como libertador, pode estar ele mesmo aprisionado, carecendo de libertação. O autor explica-se «O meu propósito, o meu desejo, é humildemente ajudar a desobstruir a [sua] nascente para que ela possa correr mais límpida e mais abundante. E, para isso, pôr o dedo nos obstáculos, tomar-lhes a medida, compreender de onde provêm.» (Introduction, p. 12).

Na sua análise, irá ter em conta muito particularmente que, se a força vital da semente evangélica não produz o fruto desejável é, em boa parte, «porque a sua força vital se encontra revestida de múltiplas camadas provenientes da sua cultura nas terras do Ocidente antigo e medieval, revestimento que torna difícil a sua germinação em outros tempos e em outros lugares» (p. 16). De facto, no decurso da modernidade, «desde há cinco séculos que as formas antigas de expressão da fé têm sido como que sacralizadas, a tal ponto que são ainda consideradas como a única maneira exacta de pensar e de viver a mensagem evangélica. Isso é manifesto no que diz respeito ao discurso oficial» (p. 46). Paul Tihon aponta alguns exemplos. A sacralização do papado (oficialmente realizada pelo Vaticano I) é um deles. A (im)possibilidade de ordenação de mulheres é outro, sendo que, no caso, «"definitivo" quer sobretudo dizer que actualmente, em Roma, não se vê como se poderia seguir em sentido diferente» (p. 50). Sobre o primeiro exemplo, faz notar que a colegialidade dos bispos, tendo sido ao mesmo tempo afirmada e limitada no respectivo documento conciliar, de facto acaba por funcionar mal, continuando a verificar-se uma sistemática resistência dos aparelhos da Cúria romana a toda a evolução, preocupados que estão, sistematicamente, com a salvaguarda do que consideram imutável (cf. p. 51). A própria teologia vê-se, não

raro, obrigada a limitar-se a ser simples comentadora das posições oficiais.

As cerca de 80 páginas seguintes desenvolvem então tentativas várias de resposta a questões como estas: «Como libertar o Evangelho do seu revestimento antigo e medieval, e será que isso é sequer pensável?» Suposto que sim, «como favorecer a inculturação desta mensagem na modernidade?» (p. 53). O autor é de parecer que «a menos que emigremos da nossa própria cultura ou que pratiquemos mais ou menos conscientemente uma espécie de esquizofrenia, não podemos não partilhar estas interrogações» (*ibid.*). Entre múltiplas reflexões a propósito, destacamos algo do que escreve sobre a possibilidade de «transgressões legítimas» (pp. 77ss): as grandes inovações na Igreja, os ajustamentos necessários em múltiplas situações do tempo e do espaço eclesiais, provêm, na maior parte dos casos, não da autoridade eclesiástica, mas do «sentido da fé» das comunidades no terreno, com a ajuda de alguns «portadores de carismas» (pastores, exegetas, teólogos, e mesmo muitos dos considerados simplesmente «bons cristãos» (cf. *ibid.*).

Estamos, como se vê, perante um texto ousado, e mesmo provocatório. A levar a sério pelos teólogos. E que bom seria fosse também tido em conta, não para condenação imediata mas para meditação, pelos que, na Igreja, a diversos níveis, exercem funções de autoridade.

JORGE COUTINHO

PRIETO FERNÁNDEZ, Francisco José, **Las figuras cambiantes de Jesús en La literatura cristiana antigua**, col. «Plenitudo temporis», Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 2009, 382 p., 240 x 170, ISBN 978-84-7299-6.

Trata-se de um texto que serviu como dissertação de doutoramento, elaborada sob a orientação do prof. Ramón Trevijano e apresentada em 2008 à Universidade Pontifícia de Salamanca. Tem as características próprias de um texto desta natureza: preocupação de rigor, fundamentação, abundante utilização das fontes primárias e secundárias, estruturação adequada, enfim, cientificidade.

O autor parte do facto de que, como já observara Orígenes, Cristo «aparecia» a cada um conforme a sua própria sensibilidade. É o que aqui aparece designado no termo «polimorfia», um fenómeno que se observa não só com a figura de Cristo e outras figuras bíblicas, mas que é comum também às outras religiões. O autor propõe-se então encontrar respostas para questões como estas: Em que consiste esta tradição que afirma a aparição do Senhor em diversas formas adaptadas a cada crente? De onde procede esta concepção cristológica? Podemos encontrá-la em outros escritos cristãos dos primeiros séculos? Qual é a sua origem?

Num primeiro de quatro grandes capítulos, estuda as etapas da investigação desse fenómeno da polimorfia na literatura cristã antiga: de E. Peterson a G. Stroumsa, E. Junod, e estudos mais recentes. Pode assim situar no tempo, e sobretudo na história da investigação teológica, o seu próprio contributo e evidenciar a novidade do resultado da sua própria investigação. O segundo capítulo apresenta a análise de uma série de cenas do Novo Testamento: transfiguração, aparição a Maria Madalena, discípulos de Emaús, aparição aos discípulos reunidos em Jerusalém, aparição junto ao lago de Tiberíades. O terceiro contempla a polimorfia nos Actos Apócrifos dos Apóstolos: de João, de Pedro, de André, de Paulo e de Tomé. Em cada caso faz a apresentação do texto, estuda as características literárias e teológicas do mes-

mo, procede à análise e interpretação de diversos aspectos da respectiva figuração. O último capítulo é dedicado a uma figura excepcional, não só no âmbito da patrística grega como de toda a história teológica, a qual foi também um caso exemplar e extraordinário no cultivo da polimorfia: Orígenes. Prieto Fernández estuda as formas cambiantes de Jesus nos seus escritos, as fontes da tradição origeniana, a doutrina deste teólogo sobre as epínoias, os seus rastros em autores posteriores.

Além das conclusões próprias de um estudo como este, o livro contém uma abundantíssima bibliografia (pp. 303-344), um índice de textos e obras, um de autores modernos e outro de autores e personagens antigos.

Como se vê, trata-se de um trabalho de interesse no âmbito da teologia patrística, mormente para especialistas nesta área do saber teológico.

PEDRO DE VILA-NOVA

**ELDERS, LÉO J., Sur les traces de saint Thomas d'Aquin théologien. Étude de ses commentaires bibliques. Thèmes théologiques,** Les Presses Universitaires de l'IPC / Éditions Parole et Silence, Paris, 2009, 590 p., 235 x 150, ISBN 978-2-84573-813-3.

Este livro, na continuidade de *Au coeur de la philosophie de saint Thomas*, publicado pelos mesmos editores (2009), colige duas séries de artigos – parte dos quais começaram por ser conferências proferidas em diversos lugares –, cuja temática vem indicada no subtítulo. Se o título denuncia, por si mesmo, a paixão tomista do autor, a estrutura minuciosa e bem ordenada dos temas versados, com divisões e subdivisões, bem como o tratamento claro de cada aspecto de cada um deles, revelam quer as